

O corpo-adolescente em trânsito:
violências no processo de tornar-se mulher
em "Preciosidade", de Clarice Lispector

Maria Simone Vione Schwengber* 

Táise Neves Possani 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) – Brasil

*Correspondência: simone@unijui.edu.br

RESUMO

Este artigo problematiza as violências que marcam o processo de tornar-se mulher. Apostamos em um diálogo entre a literatura e a educação escolar. Tomamos como ponto de partida a análise do conto "Preciosidade", de Clarice Lispector (1998). Lançamos a seguinte pergunta: De que forma o conto "Preciosidade", de Clarice Lispector (1998), pode problematizar as violências vividas por adolescentes no processo de tornar-se mulher? Nosso movimento metodológico utilizou-se da análise de discurso na perspectiva crítico-compreensiva de base feminista e foucaultiana. A análise do conto "Preciosidade" destaca o corpo-adolescente como um corpo em trânsito, no processo de tornar-se mulher, marcado por experiências dolorosas de violência, tais como a imposição de padrões da aparência, a limitação da liberdade de circulação na cidade, a instalação do medo e o abuso (de um corpo violado sem consentimento). A protagonista em "Preciosidade" ensina-nos, também, a resistir ao mostrar sua interioridade/subjetividade (alargamento da consciência de si), protegendo-se da violência que tenta apagá-la.

PALAVRAS-CHAVE:

Clarice Lispector
Corpo-adolescente
Violência de gênero
Literatura e educação
Tornar-se mulher
Corpo e subjetividade

SUBMETIDO: 15 de abril de 2026 | **ACEITO:** 3 de maio de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

O silêncio e a emergência do sujeito feminino

A escrita de Clarice Lispector abriga muitas vozes. Há, por isso, muitas Clarices. No que se refere aos dilemas do feminino, mais do que representar "as mulheres", sua literatura encena uma variedade de temas da condição humana, o que reposiciona sua produção na atualidade. Neste artigo, realizamos um recorte analítico de uma narrativa que inscreve o feminino em zonas de silêncio e de ambiguidades, ao acolher narrativas que emergem da diferença e evidenciam a

violência do tornar-se mulher como experiência historicamente silenciada, especialmente a partir de sujeitos e territórios marginalizados, como no espaço público e na rua, onde os corpos das mulheres são continuamente interpelados.

Clarice Lispector (1920-1977) é uma das escritoras mais originais da literatura latino-americana do século XX. Nascida na Ucrânia, mas naturalizada brasileira, construiu uma obra marcada por uma linguagem aberta às questões universais do ser humano, inovadora, introspectiva e sensível às experiências literárias que subjetivam, como a indagação de existir diante de si e do Outro¹, compreendido como instância de alteridade que desestabiliza e constitui o sujeito. Lispector, como afirma Gotlib (2009), é uma voz feminina literária que pensa, sente e interroga o mundo e abre, assim, espaço para as subjetividades historicamente silenciadas, como as das meninas e mulheres. Em sua literatura, a autora apresenta as experiências de mulheres diversas, mas enfocando, geralmente, em produções que lhes possam ser comuns, tal como a vontade, nem sempre realizada, de transgredir os comportamentos morais impostos socialmente às mulheres.

A escrita de Lispector explora os fluxos da moral da época e da consciência cristã, marcados pelo silêncio, obediência e resignação, elementos que ajudam a pensar as tensões entre o sujeito e as normas sociais interiorizadas; trata do indizível, aquilo que não se pode nomear, demonstrando como o ato de escrevê-lo, paradoxalmente, torna-se a única via possível para enunciar o impossível. Em Clarice a escrita é sempre um convite para a desconstrução e a reconstrução do ser, do sujeito e da própria palavra, abrindo fissuras por onde possam emergir formas de resistir e de se refazer na relação com a alteridade. Nesse movimento, sua escrita tensiona as normas que constituem o sujeito, aqui as mulheres, aproximando-se da noção de resistência em Foucault (2008), entendida como algo que se produz no interior das próprias relações de poder, criando brechas para outros modos de existência (Nascimento, 2012).

Clarice recusa deixar historicamente as mulheres sem voz por mais tempo. Assim, cria histórias usando as próprias vozes e experiências das mulheres. Ela contesta o conceito tradicional de história, aquilo que é "historicamente importante", e afirma, por intermédio de sua produção, que vida cotidiana é

1 A noção de "Outro", com inicial maiúscula, fundamenta-se em Lévinas (1997), para quem o Outro é sujeito e não objeto. O Outro convoca à responsabilidade ética, à escuta e à hospitalidade.

história, e usa uma tradição escrita enquanto a memória humana vai reconstruindo o próprio passado. Lispector (2014, p.5) é para “leitores de alma já formada”. Compreende-se que uma das características de sua obra seja a ausência da linearidade, da ordem de um começo, meio e fim. Há uma circularidade própria à introspecção e ao universo íntimo encapsulado nas personagens criadas.

Lispector instaura, como ensina hooks (2019, p.42), o conceito de “sujeito”, argumentando que “sujeitos têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias”. Sujeito que vocaliza sua própria história, em seus próprios termos, intimista, crítico. Clarice não relega; faz habitar o feminino como espaço de importância. As experiências de mulheres narradas começam a ser consideradas uma episteme em si. Assim, é possível identificar os temas/problemas como cuidado de si por meio da estética da existência, tais como o senso de comunidade, a coletividade como estratégia de sobrevivência, a angústia, os medos, a resiliência, o reconhecimento, as emoções, a valorização das alteridades de si e do Outro. A imagem pacata de mulheres recolhidas em seus quartos dividindo segredos é substituída por imagens de mulheres ativas, conversando entre si por meio de histórias e testemunhos de resistências (hooks, 2019).

Nesse processo, ler Lispector é entrar em um território em que o sujeito se desfaz para se refazer; ele está em constante transição, convocado a um movimento ético e poético de invenção de si. Em suas obras, a palavra não é um instrumento de comunicação, mas matéria viva, lugar de criação e de alteridade. A palavra deixa de ser uma coisa, uma faculdade ou um instrumento e assume um caráter subjetivo, uma vez que o que somos, somos *na* palavra e *com* ela, temos a ver com a palavra, nos damos nela, somos tecidos nela, nosso modo de viver se dá na palavra e como palavra (Larrosa, 2025). Nesse movimento, a literatura põe-nos em relação com a palavra e possibilita-nos o acesso à palavra do Outro (à vida do Outro), sendo, portanto, uma ação política por sua dimensão alteritária do Outro, aqui compreendido como “sujeito-ético”(Lévinas, 1997).

Se partimos do pressuposto de que ler literatura é um direito, acessar a palavra, a qual funda mundos, é um direito, escrever novos destinos para si e para os Outros é um direito (Candido, 2011), defendemos que explorar

tematicamente o potencial da narrativa literária, em específico a produzida por Lispector, como modo de dialogicidade sobre si e sobre o Outro, pauta-se em uma experiência ética de alteridade. Assim, a democratização do acesso à leitura e à literatura, quando em contextos da formação leitora e subjetiva, como a escola, é uma perspectiva de defesa ao direito à literatura e da relação entre literatura e as sociedades culturais (Candido, 2011).

Ao mesmo tempo, a literatura instaura uma experiência de alteridade de mundos ao convocar os sujeitos a habitar outras perspectivas e a confrontar-se com aquilo que lhe é estrangeiro, produzindo, assim, possíveis deslocamentos nos modos de ver, sentir e existir. Nesse sentido, dialogamos com Butler (2003), ao compreender o sujeito como relacional e vulnerável, produzido nas tramas do reconhecimento em abertura à literatura (como Outro), que não apenas pode ampliar horizontes, mas redefinir as possibilidades de existência e de convivência ética e não violenta.

Dessa forma, a partir de uma curadoria² dos contos de Clarice Lispector, selecionamos, para este estudo, o conto “Preciosidade”, que compõe a obra *Laços de família*³, lançada em 1960. O livro contém 13 contos que articulam temas recorrentes que explicam o título do conjunto: os conflitos da vida familiar e suas implicações, os relacionamentos e a indagação da condição das diversas mulheres diante de si e dos Outros. *Laços de família* propicia, ainda, uma entrada para quem não é leitor de Lispector, uma vez que se caracteriza por contos que apresentam uma estrutura mais enxuta, com certa linearidade, apesar dos fluxos de consciência e mergulhos psicológicos próprios da autora. Por ser um livro de contos, possibilita ao leitor iniciante um contato com a estética clariciana em uma espécie de preparação para a leitura de seus romances.

Em “Preciosidade”, Lispector expõe o embate pessoal e social de um corpo adolescente de 15 anos. A posição de menina como figura central mostra as primeiras feridas simbólicas vividas pela personagem com as diversas formas de violência, muitas vezes sutis, invisíveis e naturalizadas.

2 Vale mencionar que nos constituímos como estudosas da produção de Clarice Lispector desde a Graduação em Letras (FURG) até as atuais experiências de pesquisa no Doutorado em Educação, um dos resultados das pesquisas no tema, é a dissertação de mestrado intitulada, “Ana Miranda, leitora de Clarice Lispector” (2009).

3 Para a análise utilizamos a edição da obra publicada pela Editora Rocco em 1998. Todas as citações e referências ao conto são desta edição.

A violência é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002, p.5) como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulta ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

No Brasil, os dados da violência contra as mulheres, apresentados pelo Anuário de Segurança Pública (FBSP, 2025, p.150-152), mostram que uma menina ou uma mulher é estuprada a cada 10 minutos, quatro mulheres são vítimas de feminicídio por dia, 26 mulheres sofrem agressões física por hora e 57% das brasileiras relatam ter sofrido assédio sexual (FBSP, 2025, p.174-176), além de 1.492 feminicídios (FBSP, 2025, p.150-152)⁴. Diante desse contexto, a linguagem de Lispector (1998) não apenas ecoa algumas dessas violências, mas reinscreve-as no plano da experiência sensível, revelando-as sem necessariamente denunciá-las de forma direta ao encená-las com potência estética, política e existencial, quando a arte e a literatura se afirmam como campos de problematização e resistências.

Em “Preciosidade”, uma personagem sem nome próprio no texto literário, apresentada pelo pronome “Ela”, é descrita de forma sutil, contida e ambígua, refletindo as transformações de um corpo adolescente e a descoberta de si mesma diante do mundo. A autora usa uma linguagem narrativa que mistura o estranhamento ao tornar-se mulher, o que corresponde à violência do próprio corpo, a uma violência que parece não ser apenas física, mas também simbólica, emocional e estrutural, inscrita nas relações de gênero e nos espaços urbanos. A menina começa a perceber, ao sair à rua, que seu corpo é visto, olhado, desejado, e isso torna-se ameaçador, violento; “ao voltar para casa sozinha, ao cair da tarde, a experiência cotidiana se transforma em medo e tensão, violência” (Lispector, 1998, p.83).

A violência contra os corpos das meninas e mulheres está presente em todas as épocas ao longo da história da humanidade, fragilizando o direito à vida

4 Cabe destacar que os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública baseiam-se em registros administrativos das Secretarias de Segurança Pública, refletindo ocorrências formalmente notificadas. Em contraste, informações sobre assédio sexual derivam de pesquisas de vitimização — como o estudo “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com o Datafolha —, que utilizam levantamentos amostrais e captam experiências não necessariamente registradas, permitindo estimar a prevalência desse tipo de violência.

pública. A banalização da violência contra a mulher e a tentativa de sua objetificação sexual, como aponta Schwarcz (2019, p.186), aparece retratada igualmente na atualidade; são as raízes e estruturas compactas de nosso patriarcalismo, colonialismo, autoritarismo e patrimonialismo, que sempre trouxeram consigo uma notória correlação com a questão da violência de gênero.

Nessa direção, lançamos a seguinte pergunta: De que forma o conto “Preciosidade”, de Clarice Lispector, pode problematizar as violências vividas por corpos adolescentes no processo de tornar-se mulher? Nosso objetivo é o de problematizar e discutir a respeito de tal questão. Os caminhos metodológicos deste artigo são construídos inspirados nas proposições discursivas na perspectiva foucaultiana (Foucault, 2008), articulando-as com a literatura como uma prática discursiva capaz de interrogar os modos de produção de subjetividades, de ser, especialmente, do torna-se.

Por uma leitura discursiva

Pautando-se em Foucault (2008), este estudo compreende o texto literário, no caso o conto “Preciosidade”, de Clarice Lispector (1998), como um discurso que participa da produção de “regimes de verdades” sobre o corpo, o gênero, as violências e o tornar-se mulher. O conto é lido como espaço simbólico de enunciação e tensão dos discursos que atualizam e tensionam dimensões históricas sobre o tornar-se mulher.

Trata-se de uma análise crítico-compreensiva, que toma os discursos como práticas sociais historicamente situadas e atravessadas por relações de poder. Inspirada nas contribuições de Foucault (2008), busca problematizar os modos pelos quais saberes e verdades são produzidos e legitimados, incidindo sobre os corpos e regulando suas possibilidades de existência. Em diálogo com autoras feministas como Butler (2022a) e hooks (2019), a análise enfatiza as dimensões de gênero, linguagem e normatividade, evidenciando como tais dinâmicas participam da produção e da manutenção de violências, silenciamentos e desigualdades.

Adota-se uma abordagem hermenêutica compreensiva e crítica, compreendendo os discursos como um processo situado, atravessado por historicidade, linguagem e relações de poder e as formas de exclusão e de silenciamento. Desse modo, a interpretação não se limita à compreensão de

sentidos, mas se orienta por um gesto crítico de desnaturalização das estruturas que sustentam as violências corporais do tornar-se mulher.

O conto que analisamos, então, é como uma superfície de inscrição discursiva, que se desdobra em enunciados que pormenorizam os discursos a partir de enunciados-chave para a construção de uma analítica. Problematicamos os discursos e os enunciados-chave do conto, que produzem e regulam formas de visibilidade e silêncio em torno da violência, especialmente aquela dirigida às meninas. A metodologia de inspiração feminista, adotada neste estudo, fundamenta-se na compreensão do conhecimento como situado, relacional e atravessado por relações de poder, recusando pretensões de neutralidade e universalidade (Butler, 2022a)

Para Foucault (2008, p.145), “o enunciado é a unidade elementar do discurso, ajuda a localizar, em que consiste, no que é dito e nas condições segundo as quais isso é dito”, sendo um ato discursivo situado, que somente ganha sentido porque está inserido em uma rede. O enunciado realiza funções como posicionar sujeitos e destacar os saberes, bem como vincula-se ao que é dito e mostra com que efeitos. É a unidade de base dos discursos (Foucault, 2008).

Em particular, o enunciado está relacionado com um campo adjacente. A análise é aquela que procura descrever este campo: a constância, a manutenção e os desdobramentos de sua unidade de enunciações, os campos de estabilização (esquemas de utilização, as regras de emprego e suas estratégias) e, ainda, a que se dispõe o enunciado. Um discurso tem sempre margens povoadas de outros enunciados (Foucault, 2008, p.110). Assim,

Não há enunciado que não suponha outro. Há relações entre enunciados, como esclarece: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo (Foucault, 2008, p.112).

Com base nisso, a análise desenvolveu-se a partir da identificação dos enunciados e do reconhecimento de como as unidades discursivas e os elementos ajudam a responder à pergunta da pesquisa. Enunciados-chave têm função no texto: configuram o que pode ser dito e têm um papel central na produção de sentidos e verdades.

Para tanto, realizamos diversas leituras do conto com o objetivo de nos

familiarizarmos com seu conteúdo e estilo, bem como de identificar enunciados-chave e as passagens discursivas que apresentam o núcleo temático central do texto. Nesse processo de leitura múltipla e atenta ao conteúdo e à forma, observamos não somente o enredo, mas o modo como ele é construído com atenção aos enunciados de impacto, examinando o tom ora de silêncio e tensão, ora de ironia e ambiguidade. Ainda, consideramos o que os enunciados produzem e como reforçam “verdades” históricas e normas sociais e culturais, tencionando-as pelo discurso ficcional. Identificamos como a personagem central – Ela – aceita, resiste, sofre e se transforma com os discursos e como eles operam na constituição de sua subjetividade.

Metodologicamente, a análise estruturou-se a partir da construção de um fio condutor que acompanha a progressão dos enunciados que emergem no conto, buscando responder à pergunta da pesquisa. Os enunciados são retirados do conto pelos seguintes critérios: de produzirem tensões centrais da narrativa; de sentidos (que não são neutros, dialogam com seu problema de pesquisa); de deslocamentos da personagem; e de momentos de intensificação simbólica e que revelam tensões entre silêncio, violência e alteridade. A seguir apresentamos duas seções de análise na direção de respondermos à pergunta do artigo.

Corpo em transição: a violência de tornar-se mulher

Iniciamos esta seção de análise do conto “Preciosidade” com o enunciado: “Tinha 15 anos, não era bonita” (Lispector, 1998, p.83). Com isso, Clarice talvez não esteja apenas informando uma idade, mas apontando a sua condição de transição da infância para a adolescência. Um corpo aos 15 anos é um corpo em transição; não é mais o da infância, mas também ainda não está completamente inserido no que se reconhece como um “corpo adulto”, no caso, de mulher. A enunciação – “não era bonita” – vem como uma norma social e discursiva que associa o valor de um sujeito, especialmente do sujeito feminino, à sua aparência física e à sua adequação a padrões de beleza hegemônicos. Reduz-se, assim, um corpo feminino a atributos físicos, que passa a carregar o peso de uma série de normas de gênero, de ser desejável, como no enunciado “deve ser bonita”. Essa normatização, longe de ser neutra, é violenta e reguladora, pois impõe padrões estéticos e comportamentais que moldam desde

cedo o tornar-se mulher. O valor do corpo, ainda, é associado à aparência física e a um “regime de verdade” (Foucault, 2008) em constante avaliação, controle e comparação, configurando-se como uma forma de violência estética⁵.

Assim, a menina é julgada: “não é bonita”. É um corpo como posse não individualizada, não da própria pessoa que o habita, mas da esfera do social. Neste sentido, Butler (2003) afirma que,

apesar de brigarmos por direitos sobre nossos próprios corpos, os corpos pelos quais nós lutamos não são apenas nossos. O corpo possui sua invariável dimensão, constituída como fenômeno social para a esfera pública, meu corpo é e não é meu (p.145).

Em relação a essa posição social, Butler (2003) avança ao afirmar que o corpo e o gênero, por sua vez, são produzidos por performances de acordo com os laços sociais e culturais. Performance, para Butler (2003), é algo que fazemos; uma série de atos, gestos e comportamentos que, ao serem reiterados, constroem uma posição. Sobre a questão de gênero, Butler (2003) acrescenta que consiste em uma marca de diferenciação, e está vinculada à forma como os sujeitos se reconhecem e atuam socialmente, construindo performances que não estão apenas definidas biologicamente, mas sim, representadas pelos aspectos relacionais entre os sujeitos quando inseridos nas arenas sociais.

Nesse sentido, o gênero é produzido por um conjunto de atributos flutuantes, com efeitos performativamente construídos e impostos pelas práticas reguladoras da coerência do gênero (Butler, 2003) – a menina e/ou a mulher são/é bonita/s. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado, isto é, constituinte do social. No caso de meninas, quanto ao corpo e ao gênero, trata-se de “performativamente constituída pelas próprias ‘expressões/condições’ tidas como seus resultados” (Butler, 2003, p.48). O corpo e o gênero são representados “como [...] meio com o qual um conjunto de significados culturais é externamente relacionado. Mas, o corpo e o gênero são em si mesmo uma produção” (p.7).

“Ela não é bonita” – Lispector constrói esse enunciado que opera para problematizar os mecanismos de violência sobre um corpo que está “se tornando”

⁵ Wolf (2018) usa o termo “violência estética” como a imposição de padrões de beleza que funcionam como um mecanismo de controle e violência social. O mito da beleza, para Wolf, serve ao patriarcado e ao capitalismo, funcionando como uma forma de controle social e exploração econômica, especialmente sobre os corpos das mulheres.

dentro de uma sociedade patriarcal que naturaliza a associação entre valor e aparência. A afirmação “não é bonita” mantém uma violência que, para muitos, é invisível. “Ser bonita” é uma situação replicada tanto na vida concreta das meninas quanto na das mulheres, construindo, assim, um modo performaticamente específico a desempenhar em quase todas as etapas da vida. Clarice manifesta, por meio da linguagem, críticas a essas normas sociais dos costumes avaliativos dos corpos, em especial sobre as meninas e mulheres. Connell e Pearse (2015) ajudam-nos a pensar em “ordem de gênero”, um padrão específico de manutenção da vida social nas dimensões que tem na base o gênero. Com a ordem de gênero os sujeitos participam e convivem com aprendizagens corporificadas; são normas reiteradas que se inscrevem no corpo e moldam os modos de ser, agir e existir que se encontram nos processos de socialização.

Assim, pensamos, aqui, o conto “Preciosidade” como meio para a abordagem das questões de gênero e de violência contra o tornar-se mulher, problematizando a condição de vulnerabilidade e de precariedade pelo fato de ser uma menina/mulher. Butler (2022b, p.12) contribui para compreendermos uma vulnerabilidade primária como condição constitutiva dos sujeitos e, em especial, como essa vulnerabilidade impõe-se às jovens no processo de transformarem-se em mulheres, tornando-as “sujeitas à violência, expostas à sua possibilidade, senão à sua concretização”.

Avançando no conto, Clarice Lispector constrói uma ambientação que evoca uma atmosfera passiva e aconchegante de um lar marcado pela rotina. Ela descreve que nele a menina protagonista “acorda vagarosamente todos os dias, como se cumprisse com um ritual. Abre os olhos, espreguiça-se, mas há nela algo mais profundo ‘que não se espreguiçava’, que está para além do corpo” (1998, p.82). Na voz de uma narradora onisciente há uma desconstrução do discurso hegemônico ao descrever o que está para além do corpo:

Tinha quinze anos e não era bonita. Mas por dentro da magreza, a vastidão quase majestosa em que se movia como dentro de uma meditação. E dentro da nebulosidade algo precioso. Que não se espreguiçava, não se comprometia, não se contaminava. Que era intenso como uma joia. Ela (Lispector, 1998, p.82).

Há um contraponto ao enunciado “não era bonita”, pois “por dentro da magreza, a vastidão quase majestosa”, esconde uma “vastidão” que sugere

imensidão interior, riqueza subjetiva, potência. A expressão “quase majestosa” dá à personagem uma grandeza que não é percebida externamente, mas que existe com força no seu ser. Ao referir-se a um corpo “em que se movia como dentro de uma meditação”, Lispector destaca o corpo em movimento de meditação e reflexão, que reforça a ideia de introspecção, profundidade e presença silenciosa. É um corpo que contém, vive e sente intensamente por dentro: trata-se de um corpo-contemplação, não um corpo-exibição de beleza.

A nebulosidade talvez possa representar a condição da adolescência, esse período confuso, difuso, em construção. Ainda assim, mesmo nessa névoa, existe “algo precioso”. Um corpo descrito: valioso, inteiro, mesmo sem cumprir os padrões de beleza socialmente impostos. O enunciado final na citação supra, “Ela”, vem como um gesto poético, parece construir uma subjetividade que se basta, recusando a estética normativa.

Lispector promove, assim, outras formas de subjetivação no processo de tornar-se mulher por meio da recusa das imposições históricas que nos violentam há séculos, especialmente aquelas que vinculam o valor feminino à aparência. Nessa mesma direção ressoa a proposta de Kaur (2017), que nos convida a revisar os modos como nomeamos e reconhecemos as mulheres. Em um gesto ético, a autora propõe como saída “pedir desculpas a todas as mulheres que descrevemos como bonitas antes de dizer inteligentes, preciosas, valiosas, corajosas” (p.7). Ela lamenta termos reduzido o valor feminino a atributos estéticos, “como se algo tão simples como aquilo que nasceu com você fosse seu maior orgulho, quando seu espírito já despedaçou montanhas” (p.8). Kaur (2017, p.9) assevera, então, que deveríamos passar a afirmar “você é forte; você é incrível”, não por negar a beleza, mas por reconhecer que as mulheres são muito mais do que isso.

Em vez de exaltarem uma jovem bela, Lispector (1998) e Kaur (2017) ensinam-nos a valorizar um corpo jovem, precioso em sua opacidade. Trata-se de um corpo fosco, que não se oferece à objetificação, mas guarda em si um universo subjetivo, meditativo, resistente; uma agência, como afirma Butler (2003). Um corpo muito além da lógica do desejo do Outro e do consumo estético.

Dessa forma, o argumento de uma jovem cujo corpo está em processo de tornar-se, como é próprio da adolescência, conduz a estrutura do conto “Preciosidade”. A condição de “tornar-se mulher” é explorada como

modificação, metamorfose, e essa transição provoca na menina sensações ambíguas: um certo encanto diante do novo e, ao mesmo tempo, um desconforto. Lispector apresenta-nos uma menina que começa a se perceber mulher, mas que ainda não compreende completamente o significado dessa transição. Há uma “felicidade secreta” por ser notada, mas essa mesma visibilidade desperta um mal-estar, refletindo a ambiguidade do processo. O emblemático enunciado de Beauvoir (1980, p.9), “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, ecoa nesse contexto, pois a jovem vive o mistério de “descobrir-se” em um corpo que se realiza no ato de tornar-se (Lispector, 1998, p.141).

Esse tornar-se é percurso atravessado por processos de socialização, discursos e práticas culturais que, em atos de performance, ensinam, impõem e normatizam comportamentos e posições de gênero. O “tornar-se”, como lembra Beauvoir (1980, p.9), refere-se não apenas às interferências culturais, mas também ao esforço próprio de construção subjetiva. Lispector mostra esse caminho de tornar-se como algo precioso, delicado e potente, porém igualmente próximo do medo, da ameaça e da angústia. Nessa direção, na próxima seção, refletimos sobre a adolescente lançada à cena pública, em que sua presença se vê cercada por exigências, medos e práticas abusivas que ferem seu direito de existir com liberdade, mas, ainda assim, ela resiste, afirmando que, mesmo em meio à dor, é possível reivindicar dignidade, escuta e presença.

Corpo adolescente e espaço público: visibilidade e violência

A própria escolha da metáfora do enunciado do título do conto “Preciosidade” remete, assim, a algo valioso, mas também frágil e ameaçado: um corpo que deve ser protegido, vigiado. A ambiguidade entre o cuidado e o controle, entre o valor simbólico atribuído ao corpo e a vulnerabilidade a que ele é historicamente submetido, vão sendo construídas em contradição, nas marcas que separam o espaço público do privado. No espaço público a personagem depara-se com uma espécie de peso sobre si, que decorre de uma “herança” atrelada à sua condição de mulher, do que dizem ou não dizem sobre ela, em uma espécie de “missão de ser”.

[...] de longe o ônibus começava a tornar-se incerto e vagaroso e avançando, cada vez mais concreto [...] Então subia, séria como uma missionária por causa dos operários no ônibus que “poderiam

lhe dizer alguma coisa". Aqueles homens que não eram mais rapazes. Mas também de rapazes tinha medo, medo de meninos. Medo que lhe dissessem alguma coisa, que a olhassem muito (Lispector, 1998, p.83).

A menina sente cada vez mais que seu corpo atrai olhares, mesmo sem que ela queira. Isso a deixa numa posição de vulnerabilidade, pois ainda não compreende bem os códigos sociais ligados ao corpo feminino como objeto de olhares. Esse corpo cresce; é, agora, visível; torna-se alvo de olhares, julgamentos e invasões, marcado por uma lógica que o retira da esfera da intimidade para colocá-lo sob controle social. A experiência da violência manifesta-se não apenas fisicamente, mas igualmente nas microviolências dos olhares invasivos, nos comentários indesejados, no medo constante de ser tocada. Essa vivência é mais uma que marca o processo de tornar-se mulher sob a ótica da vigilância e da ameaça.

O corpo feminino, nesse contexto, como Clarice Lispector descreve, torna-se signo de desejo e, ao mesmo tempo, de perigo para a menina e para os Outros. Essa condição revela como a socialização de gênero materializa-se no corpo: ele é moldado pelo medo, pela contenção dos gestos, pela resistência. Descrever essa experiência é essencial para compreender-se como o espaço público ainda opera como um território desigual e generificado, em que o simples ato de estar presente pode representar risco, vergonha e sofrimento. Trata-se de uma violência estrutural que opera por meio de normas culturais que definem como o corpo feminino pode estar e sob quais condições ele será aceito, desejado, punido. Essa exposição imposta, sobretudo na adolescência, marca o corpo como território vulnerável e revela o quanto a liberdade feminina no espaço público ainda é constantemente negociada, disputada, ameaçada.

Lispector (1998, p.89) descreve que "a menina é atravessada pelo medo da rua, da cidade, dos homens". O corpo, então, deixa de ser só dela e passa a ser algo que está em disputa no espaço público. Essa experiência de andar com medo limita a liberdade. O espaço público, para a menina, já não é mais neutro; ele é generificado. Ela, dessa forma, vai tornando-se mulher não apenas pelo desenvolvimento físico, mas por meio de um aprendizado violento sobre o que significa ser e ter corpo olhado, desejado e temido na via pública, pois há um risco, há uma prenúncia, "poderiam lhe dizer alguma coisa". Clarice Lispector (1998) apresenta uma iniciação dolorosa, em que o corpo passa a ser controlado

por olhares externos, por normas. Como aponta Beauvoir (1980), nesse “tornar-se” há uma série de ritos silenciosos de passagem; entre eles o medo do corpo no espaço público. A literatura, ao dar voz a essas experiências, descreve como o vir a ser mulher é também um processo de confrontação com a vulnerabilidade e a expropriação simbólica do corpo (Butler, 2022a).

A disputa no espaço não é abstrata: encarna-se no corpo da jovem que, ao se transformar, torna-se simultaneamente visível e vulnerável. Se antes seu corpo circulava sob o signo da infância, agora passa a ser lido, interpretado e regulado por olhares externos que o inscrevem em um regime de vigilância. Em Clarice Lispector (1998), essa transição não se dá por meio de uma agressão explícita, mas pela instalação difusa do medo e do silêncio, que operam como dispositivos de controle. Não se trata apenas de uma violência pontual, mas de um processo de socialização em que a menina aprende a habitar o próprio corpo como território de risco. Nesse sentido, o torna-se mulher, a passagem, é marcada pela internalização de normas que regulam gestos, presenças e possibilidades de existência no espaço público.

Na rua, o encontro de estruturas referenciais masculinas causa um choque, uma colisão cultural, que gera sentimentos ambivalentes, pois produz um posicionamento contrário ao enfrentar a rua, marcado pelo sentimento de pertencimento, mas também pelos conflitos internos. Anzaldúa (2019) afirma que podemos estar “nas duas margens do rio”, mantendo “um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir” (p.338). A escritora complementa que o mais importante é decidir agir em vez de apenas reagir, e essa ação tem infinitas possibilidades: descartar a cultura dominante, decolonizá-la e buscar outras opções.

Lispector (1998) evita descrições explícitas do corpo na rua, sugerindo a ideia de que a jovem não domina ainda a linguagem para nomear seu próprio corpo. Ela sente, mas não sabe expressar. Seu corpo fala, com “pernas trêmulas”, mais do que suas palavras. Torna-se alvo de um episódio de assédio que sofre ao voltar para casa. No caminho, a protagonista descreve: “Dois rapazes vindo. Olhou ao redor como se pudesse ter errado de rua ou de cidade. Mas errara os minutos: saíra de casa antes que a estrela e dois homens tivessem tempo de sumir. Seu coração se espantou (p.87)” e “o que se seguiu não teve explicação” (p.90):

[...], quatro mãos que não sabiam o que queriam, quatro mãos erradas de quem não tinham vocação. [...] Numa fração de segundo a tocaram como se a eles coubessem todos os sete mistérios. Que ela conservou todos, e mais larva se tornou, e mais sete anos de atraso (Lispector, 1998, p.90).

Clarice Lispector (1998) sugere toques indesejados, realizados por quatro mãos, que os fazem sem desejo, sem legitimidade; “mãos erradas sem vocação”, como se o ato não fosse movido por autorização, mas, sim, por uma espécie de abuso. O uso do enunciado “sem vocação” pode indicar que o gesto é deslocado de seu sentido afetivo, singular, mas por uma espécie de automatismo cultural e social. A ironia de Lispector (1998) está em apontar como esses rapazes, mesmo sem saber o que fazem, comportam-se como se tivessem o direito de tocar, de possuir, como se tivessem o direito a acessar o que é sagrado, interdito da menina-mulher, como se realizando inconscientemente uma “verdade” abusiva que também recai sobre si, sobre quem eles são e como espera-se que ajam.

O abuso parece corporificar-se no conto. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) destaca que a violência corporal e sexual é caracterizada quando um sujeito “é submetido ao Outro para obter gratificação sexual. Envolve emprego, uso, persuasão, indução, coerção ou qualquer experiência sexual que interfira no corpo do Outro incluindo componentes físicos, verbais e emocionais” (p.20). A violência corporal e sexual geralmente abrange dois modos: o abuso sexual e a exploração sexual. O abuso sexual é uma “situação de exploração em que um sujeito se impõe sobre Outro, com ou sem consentimento, com a finalidade de satisfazer-se, impondo pela força física, pela sedução” (OMS, 2020, p.23); a exploração sexual “é um ato e/ou um jogo que se utiliza do Outro” (p.23).

Voltando à narrativa, Lispector (1998) destaca que a menina “conserva os mistérios”, ou seja, tem elementos que guarda para si, internaliza, e isso torna-a “mais larva”, o que talvez remeta à ideia de inacabamento, vulnerabilidade, de ser algo invisível, rastejante. Simbolicamente o assédio não acontece de forma explícita. Sua possibilidade já produz sofrimento, retraimento, medo, vergonha. De acordo com a Lei nº 12.015/2009, o abuso, a exploração, assim como o estupro, constituem crimes contra a dignidade sexual. Considera-se a sexualidade uma expressão da “dignidade das pessoas” e, em especial, das meninas e mulheres. Advém, ainda, da interpretação sistemática e teleológica dos valores da

dignidade humana e dos direitos fundamentais afirmados no século XX.

"O pranto da menina", ao retornar para casa, não é apenas pelo medo passado; é, provavelmente, pelo que se inscreveu em sua carne: a consciência de que, quando se torna mulher, o mundo não é mais o mesmo. Ela foi apreendendo que sua presença no espaço público está atravessada por olhares que a sexualizam e a reduzem, e que sua liberdade será constantemente controlada, vigiada, mas vai para a rua. Butler (2022b) lembra-nos que a vulnerabilidade não é apenas um estado passivo, mas uma condição política de alguns corpos. Ser vulnerável é ser exposta a relações de poder que marcam quem pode aparecer no espaço público sem medo e quem, como a menina do conto, aprende desde cedo que sua liberdade tem um preço.

O corpo da jovem é precioso, mas é também ameaçado. A ideia é de que é um corpo que, embora vivido de dentro, é constantemente definido de fora, inscrito por fora, por um mundo que o lê e o regula antes mesmo que ela possa compreendê-lo. Essa cisão entre o corpo vivido e o corpo normatizado pela cultura gera um tipo de sofrimento silencioso, que se manifesta nas lágrimas da menina ao retornar para casa: não apenas o medo do que poderia ter acontecido, mas a dor por perceber que seu corpo, seu estar no mundo, nunca será só seu. O choro não é fraqueza, mas uma resposta sensível e política a uma violência que, embora não consumada fisicamente, já se inscreveu em sua subjetividade. É nesse gesto contido, íntimo e potente, que emerge uma consciência amarga: ser mulher, naquele mundo, significa conviver com o permanente estado de alerta, com a sensação de que o corpo está sempre exposto, atravessado por normas, olhares e perigos. As lágrimas revelam a ferida de saber-se violável, mas também a força de reconhecer essa condição e não silenciá-la.

As lágrimas talvez equivalham à culpa. A protagonista é uma jovem prestes a completar 16 anos; um corpo adolescente que amadureceu rápida e dolorosamente. Tornou-se mulher submersa ao contexto falocêntrico. Falocêntrico e/ou falocentrismo refere-se a uma forma de organização simbólica e cultural em que o falo, como símbolo do poder masculino, ocupa a posição central na estrutura de significados, na linguagem e nas relações sociais (Irigaray, 2008).

A disputa pelo corpo feminino, tal como sugerida por Clarice Lispector, pode ser lida à luz da crítica ao falocentrismo desenvolvida por Luce Irigaray,

especialmente em *Speculum de l'autre femme* (1974) e *Ce sexe qui n'en est pas un* (1977). Para a autora, o feminino é historicamente inscrito em uma lógica simbólica como símbolo do poder masculino, ocupa a posição central na estrutura de significados, na linguagem e nas relações sociais. No texto literário, essa lógica não aparece como enunciação explícita, mas como efeito: o corpo da jovem torna-se objeto de controle por um olhar que a precede e a define. Assim, mais do que apenas vigiado, esse corpo é capturado por um regime simbólico que o posiciona como passivo, interpretável e disponível, reiterando a centralidade de um olhar normativo que organiza o espaço e os sentidos possíveis de existência.

A menina ainda não encontra uma linguagem e chora sozinha, em silêncio. Lispector (1998) traz o choro como um lugar de escuta para sua dor, abrindo fissuras aos silêncios das violências. Clarice Lispector reitera o questionamento da menina, após o abuso sofrido, ao entrar no colégio: "Estou sozinha no mundo! Nunca ninguém vai me ajudar, nunca ninguém vai me amar! Estou sozinha no mundo!" (1998, p.92). A menina expressa a sensação radical de desamparo interno, mas quando adentra o colégio vê a esperança nesse espaço, supostamente de acolhimento e de socialização. Aparece, ao mesmo tempo, uma solidão ontológica, uma ruptura com o pertencimento e uma possibilidade de ser amada, ouvida e protegida num espaço como a escola.

Louro (2014) tensiona a lógica disciplinadora da escola e propõe a escuta como gesto formativo e político. Assim, a escuta especialmente dos alunos constitui-se como dimensão central para o enfrentamento da violência de gênero no espaço educativo. Uma vez que a escola como primeiro espaço público de inserção ao mundo comum, um mundo mais amplo do que o espaço familiar (Schwengber, Drefs, 2022). A escola, como destacam, pode ser vista como um lugar de diálogo e de ruptura com o pacto do silêncio, que se constrói em torno dos abusos sexuais infantis, em geral abusos (hetero) sexuais infantis. A escola como um lugar que pode ajudar as meninas e meninos a compreender quando estão sofrendo violências, as encorajando a nomear e a perceber que existe uma rede de apoio, de instituições de profissionais, que podem ouvi-la e, quem sabe, romper, um ciclo de abusos, de violências" (Schwengber, Drefs, 2022). Entendemos o quanto as violências corporais não serão vencidas se não falarmos em espaços como os educacionais. Dar lugar a escuta é um passo fundamental para enfrentar essas violências.

O corpo da menina como preciosidade, embora ainda aprisionado pelo medo, é também lugar de percepção e pressentimento; um campo sensível e de intuição, e pode, com o tempo, tornar-se ponto de insurreição contra as normas que o violentam. Essa é a esperança que nos guia na escrita: a de que nenhum corpo permaneça eternamente silenciado diante das violências. Inicialmente os corpos capturados pelas violências, assim como as normas sociais que os sexualizam e os silenciam, são também agentes capazes de pressentir, nomear e desafiar a violência que os constitui. O corpo da menina, embora assustado, ainda se sabe precioso. Mesmo tomado pelo medo, ele sente, pressente, respira o mundo.

Pensamos, assim, que o conto "Preciosidade", de Lispector, possa, pelo que aqui destacamos, e pelo potencial da arte e da literatura como experiências que mostram formas de existir e resistir, ajudar a tematizar, entre os jovens, questões sensíveis ligadas à adolescência e às violências, bem como aos processo de tornar-se mulher, e, ainda, a provocar aberturas para possíveis experiências capazes de dar aos sujeitos liberdades e não verdades sobre o que são ou devam ser (Larrosa, 2025), porque a arte literária está para além do texto, do conto, do poema, do romance, uma vez que "A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características (Todorov, 2009, p.22)", por isso a encontramos no testemunho, no relato, na narrativa de memórias e nos registros mais subjetivos do vivido, com os quais Lispector dialoga e constrói sua literatura. Esse potencial da arte, e, mais propriamente, da literatura, é o que tematizaremos a seguir.

Literatura e resistência: aprender com o conto

Propomos que a arte literária abra olhares formativos de modo a contribuir para o desenvolvimento ético, sensível e humanizado, em especial das jovens. A literatura, como a de Lispector (1998), ao explorar narrativas de subjetivação, permite discutir as complexidades do tornar-se, especialmente o tornar-se corpo adulto, e os atravessamentos de violência que permeiam esse processo. Assim, ao lermos o conto "Preciosidade" compreendemos seu potencial ético e estético ao formar sujeitos sensíveis à dignidade dos corpos e à complexidade das experiências do tornar-se mulher em abertura à alteridade. A literatura, nesse sentido, não apenas narra, denuncia, questiona e desestabiliza normas que

sustentam violências. A menina do conto não é apenas uma personagem: ela representa milhares de meninas que têm seus corpos olhados, julgados e violados por expectativas sociais rígidas. Assim, a potência da arte literária está em abrir possibilidades de reinvenção do mundo e de si, fazendo da linguagem um espaço em que a alteridade não apenas aparece, mas insiste, tensiona.

A leitura de “Preciosidade” convoca-nos a perceber como a literatura pode revelar as sutilezas e as brutalidades das violências que atravessam o processo de tornar-se mulher e tornar-se homem. Ao expor os efeitos das normas de gênero sobre os corpos e as subjetividades, o texto literário transforma-se em espaço de questionamento e de resistência. Nesse contexto, a formação do leitor crítico deixa de ser apenas uma competência escolar e passa a ser um gesto ético e político: cultivar leitores que saibam reconhecer as dores do Outro, questionar desigualdades e violências naturalizadas e imaginar formas mais justas de convivência. É nesse gesto que reside a esperança de um mundo menos violento, em que o Outro não seja violado, mas presença a ser respeitada.

Para tanto apostamos em práticas de formação literária e humana na escola, por meio da leitura mediada pelo professor de literatura; e fora dela, pela promoção de experiências leitoras capazes de promover uma “educação literária” (Dalvi, 2018) que não se limite e restrita ao focar apenas questões relativas à leitura literária e à formação de leitores de literatura, aptos à leitura e à compreensão do que leem. Diferente disso, a educação literária está além do ensino da leitura literária, uma vez que “É necessário defrontar o sujeito com a complexidade (cultural, social, histórica, econômica...) das práticas atinentes ao literário” (Dalvi, 2018, p.13). Identificamos nos contos de Lispector um modo singular de oportunizar a formação humana pela via da leitura literária. No caso do tema relacionado às questões de gênero e também à violência, identificamos contos que possibilitam uma experiência do(a) leitor(a) que pode oportunizar tanto a tematização da violência contra as meninas e as mulheres, quanto criar situações de expressão, tomada de consciência sobre a dor do Outro e formas de existir e resistir frente às violências.

Com isso, verificamos a importância da literatura, em especial do conto “Preciosidade”, por dar visibilidade às experiências dos corpos em formação, marcados por expectativas sociais, normas de gênero e dinâmicas de poder. Nesse

contexto, torna-se fundamental o trabalho educativo, escolar e não escolar, que, propiciado pela leitura literária mediada, discuta o direito à integridade corporal, o respeito aos limites do corpo do Outro e a desconstrução da ideia de posse sobre os corpos femininos. Essa lógica, historicamente enraizada, vê o corpo da mulher como propriedade do Outro: do pai, do parceiro. Desconstruir essa ideia é um passo fundamental na luta contra a violência de gênero.

Para isso, é preciso promover, desde cedo, na escola e em espaços formativos, uma educação baseada no reconhecimento do corpo do Outro como um corpo não violável. É necessário, também, contribuir para que a experiência com o texto literário promova práticas de linguagem capazes de provocar deslocamentos, uma vez que “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (Larrosa, 2025, p.16), e nisso reside o potencial da arte literária: ser lugar de encontro com a experiência de e do Outro.

A violência contra as mulheres permanece como um dos maiores desafios sociais do Brasil, desde o controle da aparência corporal aos usos dos espaços públicos, os casos de agressões físicas, abusos, explorações, estupros, até feminicídios, enfim, violências que apontam mais do que atos isolados – evidenciam uma estrutura cultural que, historicamente, no Brasil, subjuga os corpos femininos, tratando-os como propriedade de Outros. É na articulação entre literatura, educação e consciência crítica que podemos discutir/problematizar a possibilidade de uma sociedade menos violenta.

Ao compreendermos a violência de gênero como um problema estrutural, sustentado por raízes culturais da desigualdade de gênero, é preciso analisar o papel de instituições-chave no combate à violência, por exemplo, a escola. Desconstruir a lógica que naturaliza a posse sobre os corpos femininos é urgente na formação de crianças e de adolescentes, especialmente em um país onde os índices de violência de gênero seguem altos. Ensinar que ninguém tem direito sobre o corpo do Outro é promover cidadania e dignidade corporal.

Conforme problematiza Louro (2014), a escola é um espaço privilegiado de produção e regulação de normas de gênero e de sexualidades, sendo também um território possível de deslocamento dessas normas. Assim, ao reconhecer os corpos, especialmente os corpos da menina, como lugar de autonomia, experiência e significado, a educação escolar pode contribuir para a desconstrução de práticas

que naturalizam a violência e o controle. Promover o respeito aos limites do Outro, nesse sentido, não é apenas uma orientação moral, mas um gesto político que afirma a dignidade, a liberdade e o direito à existência sem violação.

Essa formação ultrapassa a dimensão técnica da leitura: ela é ética, política e afetiva. Envolve desnaturalizar discursos que normalizam o controle, a objetificação e a violação dos corpos, especialmente os corpos femininos, negros, indígenas, LGBTQIAPN+⁶ e deficientes. Ao acessar textos literários, como os de Lispector (1998) ou outros, os leitores podem desenvolver empatia, sensibilidade e senso de justiça, como postula Todorov (2009), "a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo", é ela também que "abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente", enfim, a literatura "permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (p.23).

Concluir a análise do conto "Preciosidade" é reconhecer que a literatura tem força para iluminar as marcas da violência no processo de tornar-se mulher e tornar-se homem, problematizando como as normas de gênero moldam, limitam e ferem subjetividades de homens e de mulheres. Ao dar visibilidade a essas experiências, o texto literário oferece-nos a esperança de formar sujeitos leitores mais sensíveis, capazes de reconhecer injustiças e de construir relações mais éticas, respeitosas e livres de violências.

Considerações Finais

Neste artigo buscamos responder de que forma o conto "Preciosidade", de Clarice Lispector, pode problematizar as violências vividas por corpos adolescentes no processo de tornar-se mulher. Para tanto mobilizamos a análise do conto de Lispector (1998) destacando o corpo-adolescente como um corpo em trânsito, no processo de tornar-se mulher, marcado por experiências dolorosas de violência, tais como a imposição de padrões da aparência, a limitação da liberdade de circulação na cidade, a instalação do medo e o abuso (de um corpo violado sem consentimento).

Em uma perspectiva foucaultiana, mobilizamos o texto literário como um

6 A sigla LGBTQIAPN+ compreende lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans (travestis, transexuais e transgêneros), queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e pessoas não binárias, além de outras identidades de gênero e orientações sexuais que o sinal de adição (+) busca contemplar.

discurso que participa da produção de “regimes de verdades” sobre o corpo, o gênero, as violências e o tornar-se mulher. Assim, a análise evidenciou o conto como espaço simbólico de enunciação e tensão dos discursos que atualizam e tensionam dimensões históricas sobre o tornar-se mulher. Logo, apresentamos o conto “Preciosidade” como meio para a abordagem das questões de gênero e de violência contra a mulher, problematizando a sua condição de vulnerabilidade e de precariedade pelo simples fato de ser mulher.

Por fim, ao estabelecemos a relação entre o texto literário e suas implicações na vida social, percebemos o potencial do conto para tematizar acerca da identidade da mulher e sua relação com o Outro, principalmente quando esse Outro se torna uma ameaça por meio da violência e do rompimento com uma ética da não-violência. (Butler, 2022).

Como resultado da análise, apontamos o potencial da literatura na formação humana e leitora de jovens no contexto escolar e fora dele, bem como na promoção de deslocamentos que permitam ao sujeito existir e resistir, reconhecer a si e ao outro em uma experiência ética de alteridade. Embora o trabalho limite-se à análise de apenas um conto da autora Clarice Lispector, o estudo contribui para a defesa do potencial da leitura literária no trato com temas sensíveis, principalmente, na escola.

Por fim, olhar para a literatura e ver a presença das mulheres como autoras ou como personagem central é buscar a totalidade do mundo. Clarice Lispector (1998) nos ensina que a literatura continua sendo um anzol mergulhado no escuro, puxando para a superfície as verdades que o patriarcado tentou calar. Afinal, como a própria autora sugeriu, a vida é um soco no estômago e a literatura das mulheres é a força que nos ensina a respirar depois dele.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: a nova mestiça*. Tradução Leny S. Strogia. 2ªed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- BRASIL. Lei n. 13.104, de 9 de março de 2015. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2015.
- BRASIL. Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2009.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo*. Tradução S. Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022a.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Tradução Sérgio Cardoso. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022b.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 5ªed. São Paulo: Duas Cidades: Ouro Sobre Azul, 2011. p.169-191.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: Versos, 2015.
- DADOS da violência contra a mulher. *Agência Brasil*, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/cada-24-horas-ao-menos-oito-mulheres-s%C3%A3o-vitimas-de-violencia#:~:text=Ao%20todo%2C%20foram%20registradas%203.181,%2C%20ofensas%2C%20ass%C3%A9dio%2C%20feminic%C3%ADdio>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- DALVI, Maria Amélia (org.). *Literatura e educação: história, formação e experiência*. Rio de Janeiro: Brasil Multicultural, 2018.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2025*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/>. Acesso em: 30 mar. 2026.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GOTLIB, Nádia Batella. *Clarice: uma vida que se conta*. 6. ed. rev. e aum. São Paulo: Edusp, 2009.
- HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- IRIGARAY, Luce. *Eu, tu, nós: por uma cultura da diferença*. Tradução Cristina Murachco. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- KAUR, Rupí. *Outros jeitos de usar a boca*. 1ª ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. 1. ed. 8. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós*. Ensaio sobre a alteridade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- NASCIMENTO, Evando. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2012.
- OMS. Organização Mundial da Saúde. *World mental health report: transforming mental health for all*. Geneva: World Health Organization, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>. Acesso em: 10 maio 2026.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SCHWENGBER, Maria Simone Vione; DREFS, Joice Andressa Fritz. *Cadernos de Pesquisa*. São Luís, v.29, n.4, out./dez., 2022. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa>
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *World report on violence and health*. Edited by Etienne G. Krug et al. Geneva: WHO, 2002. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9241545615>. Acesso em: 30 mar. 2026.

The Adolescent Body in Transition: Violences of Becoming a Woman in "Preciosidade," by Clarice Lispector

ABSTRACT

This article examines the forms of violence that permeate the process of becoming a woman. Establishing a dialogue between literature and formal education, this study takes as its basis the analysis of Clarice Lispector's short story "Preciosidade" (1998). The central guiding question is: In what ways does Lispector's "Preciosidade" critically engage with the violences experienced by adolescents during their transition to womanhood? The methodological approach utilized discourse analysis from a critical-comprehensive perspective, grounded in feminist and Foucauldian thought. The analysis underscores the adolescent body as a body in transition, marked by painful experiences of violence, including the imposition of appearance standards, restrictions on freedom of movement, the instillation of fear, and abuse (of a body violated without consent). Furthermore, the protagonist of "Preciosidade" teaches resistance by revealing its interiority and subjectivity, an expansion of self-awareness that protects it from the violence that seeks to erase it.

KEY WORDS:

Clarice Lispector
Adolescent body
Gender violence
Literature and Education
Becoming a woman
Body and subjectivity

SUBMETIDO: 15 de abril de 2026 | **ACEITO:** 3 de maio de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](#)
